

A revista *Bundas* e o Humor como estratégia na construção narrativa¹

Bruna Lapa²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

Esse artigo pretende analisar as narrativas que constituem o jornalismo praticado pela *Revista Bundas* e que apresentem traços de jornalismo político e econômico. A proposta é buscar um entendimento acerca do potencial do humor como estratégia discursiva, capaz de promover conscientização crítica e política em contextos específicos – no caso da revista *Bundas*, criada no ano de 1999 pela antiga equipe do jornal *O Pasquim*, esse contexto é marcado pela redemocratização e busca da estabilidade econômica.

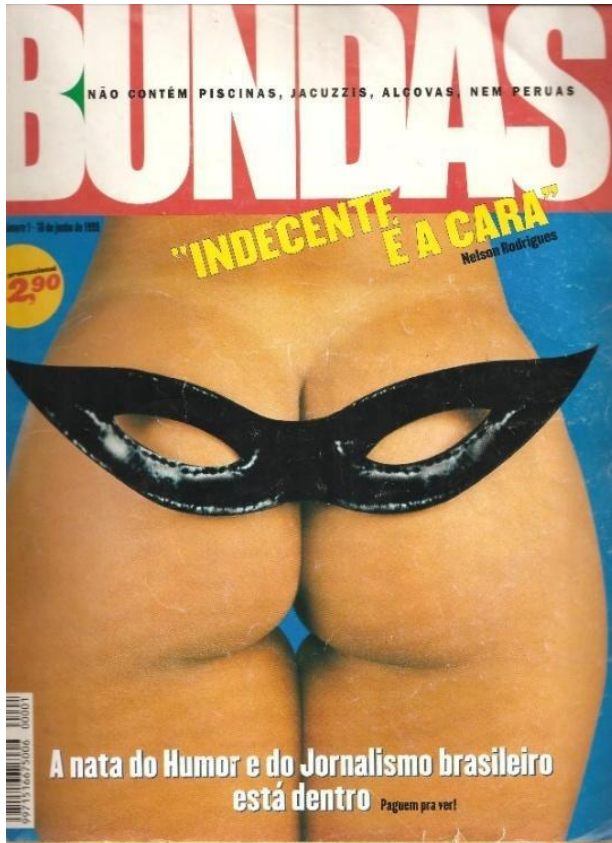
Palavras-chave: Narrativas, *Revista Bundas*, *O Pasquim*, Humor

Introdução:

O primeiro exemplar da revista *Bundas* chegou às bancas na sexta-feira do dia 18 de junho de 1999. O curioso nome era uma paródia à revista *Caras*, assim como evidenciava o slogan “não contem piscinas, jacuzzis, alcovas, nem peruas”. A capa, em letras garrafais, prometia “a nata do humor e do jornalismo brasileiro” e ainda provocava: “paguem para ver!”. O editorial avisava que a revista estava chegando para “dizer as coisas às claras e por inteiro” e que deveria “oferecer um retrato mais arredondado da multifacetada realidade brasileira”. Dar o outro lado. Era, por princípio, uma revista que visava apresentar, através do humor, uma nova perspectiva dos fatos. Já nesse primeiro número, o então editorialista, o cronista Luís Fernando Veríssimo, afirmava (para o espanto de alguns leitores) que a revista estava chegando para “dizer as coisas às claras e por inteiro diante dessa social democracia que não ousa dizer seu nome em público, dessa tempestade de bosta que ameaça nos soterrar, exercendo o nosso elementar direito de defesa” (VERÍSSIMO, 1999, p.6).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação da PUC-Minas, email: lapaguaia.bruna@gmail.com



Fonte : Revista Bundas. Primeira edição. Capa. Editora Pererê. Rio de Janeiro 1999.

Nascia assim uma revista que se propunha a apresentar, por meio do humor, uma perspectiva diferente dos fatos – diferente daquela trabalhada pela grande mídia, a tradicional. Para melhor entendimento do papel exercido por essa publicação em sua época, e das narrativas que a caracterizavam, é preciso atentar para dois fatores decisivos: a herança histórica de outro veículo, *O Pasquim*, e o contexto – do ponto de vista social, político e econômico – que marcava o período durante o qual as edições foram publicadas.

Quando perguntado sobre o surgimento da revista, em entrevista para o website *Portal Educacional*, do Grupo Positivo, Ziraldo afirmou que “a *Bundas* só existiu porque existiu o *Pasquim*”. Para entender esse aspecto, é preciso considerar, em primeiro lugar, que grande parte dos componentes da então nova equipe já havia se consagrado no humor e no jornalismo alternativo por meio de *O Pasquim*. Segundo Ziraldo, esses profissionais – que, durante a ditadura, transformaram o jornal em instrumento de resistência contra a censura imposta pelo regime militar e contra o conservadorismo que caracterizava a sociedade daquele período – viram, no final dos anos 1990, a oportunidade de falar sobre tudo que os incomodava.

O contexto era, em 1999, bastante diferente dos tempos sombrios de regime ditatorial em que havia censura para cercear a liberdade de expressão. O formato- a revista- também havia sido modificado, em relação ao *Pasquim*, permitindo maior temporalidade e leveza, o que possibilitava explorar o humor e a opinião de outra forma, diferente de como funcionava no jornal. Dessa forma, a proposta desse artigo é analisar como, através do riso e do humor pode-se provocar reflexões necessárias para o início da mudança pretendida, almejada: liberdade conjugada à redução da desigualdade, ao combate à fome e à miséria, à garantia do emprego e à educação para todos.

Corpus, caminho e método: um olhar para as narrativas

A análise aqui proposta se fez possível após exame minucioso de todo o acervo da Revista *Bundas*, compreendendo todas as 77 edições e almanaques da Editora Pererê publicadas a partir de junho de 1999 (só interrompidas no ano seguinte). A ideia é examinar as narrativas que atravessam a revista *Bundas*, fundamentando-se na capacidade do discurso midiático de conduzir o leitor a lugares preestabelecidos, por meio de escolhas que envolvem certos modos linguísticos e discursivos. Como observa Luiz Gonzaga Motta, “a organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória” (MOTTA, 2011, p.144).

Parte-se da ideia de que o discurso é uma construção social em que as narrativas são entendidas como “dispositivos argumentativos” (MOTTA, 2013) que produzem significados e estruturam-se a partir dos interesses de quem narra, em relação com o seu destinatário. Portanto, não é possível a análise de uma narrativa dissociada do seu contexto, pois, sem ele, não há como verificar as relações entre os interlocutores. Vem daí a necessidade de comparar a realidade conformada pelos registros históricos (o que acontecia) com os relatos impressos (o que era publicado), entrecruzando-se contextos e conteúdos.

Partindo desse ponto de vista, trabalhou-se, aqui, na seleção de certas narrativas que permitissem estabelecer conexões entre a linguagem e seus significados, além de um entendimento acerca do humor como estratégia discursiva na construção de narrativas. Afinal, de acordo Motta (2008), “as narrativas são formas de relações que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos, vontades e sob os constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e de poder” (MOTTA, 2008, p.146).

Narrativas herdadas da imprensa alternativa – *Pasquim e Bundas*

A imprensa alternativa esteve presente na história do jornalismo brasileiro desde o período colonial (com a publicação de jornais opositores ao império) e, principalmente, na década de 1960, no contexto da ditadura imposta pelo regime militar. (KUCINSKI, 2003; SBARDELLOTO, 2006). E possuía, como traço comum, o combate a qualquer tipo de censura e a luta pela preservação dos sistemas democráticos. Configurando-se, assim, como um lugar onde se fala o que não possui espaço na imprensa hegemônica. Um espaço de crítica, análise e interpretação dos fatos como não é visto na grande imprensa (SBARDELLOTO, 2006). Por isso mesmo é essencialmente independente e, por conseguinte, uma forma de expressão alternativa ao que está no campo político e prioritário hegemônico. “De forma geral, o conceito de mídia ou imprensa alternativa se resume à prática de um jornalismo contestador ao sistema vigente”. (TAVEIRA; VICENTE, 2013, p.3).

Não por mero acaso, a revista *Bundas* inspira-se em uma das principais publicações alternativas do período marcado pelo regime militar – o jornal *O Pasquim*. O jornal entrou em circulação em junho de 1969 e permaneceu no mercado editorial até novembro de 1991. Escandalizou a sociedade brasileira da época com sua irreverência, linguagem ousada e intenso engajamento político e social, tendo sido, sem dúvida, um importante instrumento de oposição à ditadura e ao sistema conservador experimentado pela sociedade daquele tempo. As tirinhas, quadrinhos e charges produzidas pela equipe de *O Pasquim* foram transformadas em espaços fundamentais para propor discussões e denunciar problemas de cunho político e social sofridos pela população brasileira.

Com o fim do regime militar e a volta da democracia, em 1985, muitas das publicações consideradas alternativas chegaram ao fim. O sistema político havia mudado, o contexto socioeconômico também. No entanto, sempre haverá espaço para aqueles veículos que se propõem a fazer um jornalismo independente e crítico, dando visibilidade para o que a grande mídia se nega a mostrar, exercendo um jornalismo livre e não hegemônico (SBARDELLOTO, 2006). A revista *Bundas* faz parte desse contexto, já que se inspira na imprensa alternativa para praticar um jornalismo crítico, livre e independente. Desde o início, tinha o propósito de apresentar críticas que não possuíam espaço em outras mídias. Pretendia exercer oposição não apenas ao governo do então presidente Fernando Henrique

Cardoso, mas também à grande mídia da época, como, por exemplo, a Rede Globo de Televisão, alvo de muitas críticas da revista.

A liberdade para dizer, tão irrestrita, era possível em função do perfil singular da revista. A publicação era independente, produzida pela Editora Pererê, do cartunista Ziraldo, era custeada pela própria equipe. Sem grande o financiamento de publicidade e sem vínculos com outras (pequenas ou grandes) editoras de comunicação, sobrevivia com a colaboração dos profissionais que a elaboravam: jornalistas, cronistas e ilustradores. Os anúncios eram escassos e, em sua grande maioria, referentes a livros e peças de intelectuais amigos dos jornalistas da *Bundas*.

O seu último, publicado em 5 de dezembro de 2000, trazia, na primeira página, uma informação já conhecida dos leitores: “Estamos pensando seriamente em mudar o nome da revista, porque em *Bundas* anúncios não entram. E não podemos continuar vivendo só de renda avulsa”. O problema é que a ausência dos anúncios era justamente o que possibilitava a liberdade editorial, a independência que tanto divertia e entusiasmava os leitores. O público da *Bundas* tinha, em mãos, uma publicação crítica e analítica que gozava de plena independência financeira – o que lhe permitia ser um veículo livre, que oferecia uma visão alternativa dos fatos, diferente do que era amplamente veiculado pela mídia hegemônica.

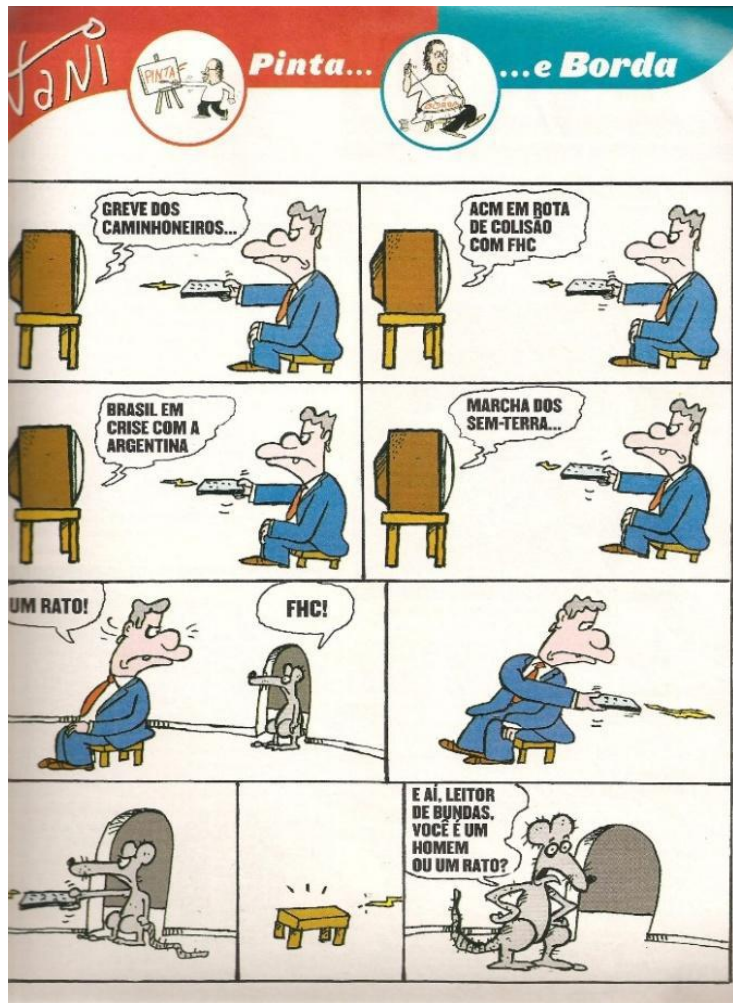
Para além do deboche: economia e política como acontecimento e pauta

As estratégias discursivas presentes no jornalismo político e no jornalismo econômico praticados pela *Revista Bundas* encontram seus eixos na utilização do humor para assegurar ao leitor o pleno entendimento das questões abordadas. A técnica já tinha se mostrado eficiente em *O Pasquim*. Desta forma, é marcante o número de charges, quadrinhos, caricaturas, piadas e ironias utilizadas para falar de assuntos sérios. Quando a revista entrou em cena, o então presidente Fernando Henrique Cardoso assumia seu segundo mandato pelo PSDB e já enfrentava uma forte crise econômica – crise esta que se refletia, entre outras coisas, nos altos índices de desemprego.

A *Bundas* abordava os problemas de gestão com frequência, sempre com críticas afiadas ao governo, sobretudo ao presidente da República e ao então senador Antônio Carlos Magalhães. Não por acaso. Em função de problemas estruturais decorrentes do mais novo plano de combate à inflação – o Plano Real, instituído em janeiro de 1999 –, o Brasil passou por um período de desvalorização cambial. Embora tivesse sido bem sucedido em 1994, o Plano Real enfrentava dificuldades no processo de implementação de algumas das

ações previstas, tais como as que envolviam o baixo investimento estatal, juros elevados e um câmbio semi-fixo sobrevalorizado, que gerou, ao longo dos anos, um acúmulo de problemas econômicos estruturais. As privatizações e abertura indiscriminada da economia também provocou consequências negativas, como o crescimento dos déficits comerciais e o enfraquecimento da indústria nacional (CALDAS, 2003).

O cenário era economicamente instável e o Brasil encontrava-se muito dependente do capital estrangeiro e, além, claro, de enfrentar problemas na relação com outros países – a exemplo da Argentina- muitas vezes decorrentes das dificuldades no setor financeiro público (que, por sua vez, resultavam de decisões políticas). Essa situação foi abordada de diversas formas ao longo das edições da revista. Como exemplo, na oitava edição da coluna “Pinta... e borda” do cartunista Nani, uma tirinha faz provocações a respeito do tema. Após mostrar o então presidente Fernando Henrique “zapeando” os canais da TV com um controle remoto (enquanto são apresentadas manchetes tais como “ACM em rota de colisão com FHC”, “Marcha dos sem-terra...”, entre outras), um rato “desliga” o presidente com o controle remoto e se dirige ao leitor: “E ai leitor da *Bundas*, você é um homem ou um rato?”



Fonte : Revista Bundas. Oitava edição, p. 11. Editora Pererê. Rio de Janeiro 1999.

Política e economia sempre se misturaram na mídia quando o assunto é governo. Na revista *Bundas*, em especial, essa mescla se fazia presente em todas as seções, em todas as narrativas. No campo político, os conteúdos apresentados se referiam especialmente às privatizações realizadas pelo governo, e também à má distribuição de renda que marcava o período. O país enfrentava altíssimos índices de desigualdade, o que colocava a elite e os miseráveis em campos opostos e distantes. Dessa forma a cobertura econômica era feita de maneira a alertar o leitor brasileiro para os problemas que afetavam a população, principalmente no que se refere às disparidades entre as classes sociais.

Na revista, a perspectiva de gestão governamental se conectava à ideia de João Ubaldo Ribeiro, para quem “política tem a ver com quem manda, por que manda, como manda”, uma vez que “envolve poder, interesses e decisões” (RIBEIRO, 1998, p.3). Também estava em pauta a própria imprensa e seu funcionamento.

Os temas abordados centravam-se, assim, no tipo de governo e nas medidas governamentais desejadas pelo cidadão comum, no tipo de vida que esse cidadão aspirava. A revista tentava chamar a atenção do leitor para questões sociais, políticas e econômicas importantes, objetivando a proposição de debates. Sob esse aspecto, é notável o esforço para promover a aproximação entre o tema abordado, às vezes complexo, e o leitor. Para isso, a *Bundas* recorre a estratégias discursivas atravessadas pela linguagem coloquial e simples, falando diretamente ao leitor. Essas estratégias são largamente utilizadas na abordagem de temas de cunho político e econômico que afetam o cotidiano do cidadão comum – e afetam exatamente porque influenciam a maneira como esse cidadão sobrevive e luta para obter uma boa qualidade de vida. É o caso da matéria “*A inflação domesticada ou Yes, nós temos inflation target*”- publicada na terceira edição da revista e escrita por Carlos Eduardo Novaes - que explica o funcionamento da então política econômica proposta, baseada no controle dos índices de inflação. Trata um tema econômico e complicado de forma simples e acessível, além de humorada e crítica.

Claro está que, aliando informações técnicas (acerca do funcionamento da economia nacional) ao humor, aqui utilizado como estratégia discursiva, a revista se empenhava para se aproximar ao máximo da realidade do seu leitor: do dia a dia, das dificuldades, dos enfrentamentos, da luta pela sobrevivência. Provocando a reflexão e o debate entre seus leitores, a revista consegue provar o quanto política e economia são temas fundamentais na vida de qualquer sujeito e, por isso mesmo, temas atrativos, ao contrário do que muitos imaginam. Como assegura Sidnei Basile (2011, p.7), “não há notícias chatas”, mas, sim, “matérias chatas, feitas por repórteres e editores chatos, para publicações chatas”.

O riso e o humor em Bundas

Como visto, a revista produzia críticas sociopolíticas e análises de questões que preocupavam o cidadão comum. Para isso, recorria ao humor – seja no desenho, seja ao longo dos textos que compõem os editoriais, os artigos, colunas, notícias, entre outros. Por meio do humor – e, conseqüentemente, do riso – pretendia-se não somente atrair leitor, mas propor debates inspirados em temas e dilemas políticos e socioeconômicos, revelando nuances do ser humano e seus sistemas de poder. Como bem observa Alain Deligne (2011), é provável que seja o riso – e não o trabalho, como afirmara Hegel – o elemento que distingue o homem do restante dos animais. Desse ponto de vista, o riso é tomado como um signo que reflete um determinado comportamento e indica algo “além de qualquer

objetividade”, o que permite ao sujeito sair do “domínio lógico” para entrar no “expressivo, no afetivo” (DELIGNE, 2011, p.29-30).

Na primeira edição da revista, a coluna “Professor Caga- regra”, de Moacir Werneck de Castro, expressava a dificuldade do autor de produzir estratégias discursivas e linguagens que fossem inovadoras naquele contexto. Argumentava que, tendo em vista que *O Pasquim* já havia quebrado a maior parte dos paradigmas linguísticos em veículos de comunicação – como a linguagem coloquial, os palavrões, e o humor escancarado –, a utilização desses recursos, depois dele, não parecia mais algo “novo” ou que chocasse. Dessa forma, conclui que os veículos modernos enfrentavam um novo desafio. Nessa perspectiva, a *Bundas* emerge com a “aura” do *Pasquim*, refletindo o senso de humor que fizera sucesso outrora, mas buscando a todo o momento atualizá-lo.

Assim, nota-se que a revista abraçou, desde o início, o caráter contestador de *O Pasquim*, além de investir no humor fundamentalmente crítico, chamando a atenção dos leitores para problemas políticos e econômicos decorrentes de uma gestão governamental considerada equivocada e inadequada para o cidadão. Dessa forma, temas como o desemprego, a miséria, a desigualdade social, a violência urbana, o aumento de juros e o baixo valor do salário mínimo eram frequentemente e insistentemente abordados – em especial nas charges, cartuns e quadrinhos.

Bundas também trabalhava com os estereótipos para reforçar certas ideias. É o caso dos “emergentes” e da “elite”, representados por um perfil fútil e superficial, ou do ex-senador ACM, sempre no comando ou por trás das decisões do presidente Fernando Henrique. Este último, por sua vez, era frequentemente esboçado com expressão abobalhada – como no quadrinho em que ele aparece como o cavalo que carrega ACM – ou com expressões de espanto, como na caricatura em que se constitui de frutas tropicais em decomposição.



Fonte : Revista Bundas. 3ª edição, p.14 Editora Pererê. Rio de Janeiro, 1999.

Seja pelo humor ou pelas tentativas de tornar o tema abordado mais próximo ao leitor, a revista possuía uma narrativa fundamentada na capacidade crítica e na função social do jornalismo. Trata-se, assim, de uma revista que se mostrava –de certa forma – engajada no sentido de ser uma publicação preocupada em fornecer informações relevantes para reflexões sobre temas que diziam respeito à política, à economia e à cidadania, de maneira a provocar a participação política e cidadã por parte do leitor.

Considerações Finais

Desde o ano de seu surgimento, 1999, a revista imprimiu a seu conteúdo, sob inegável influência de *O Pasquim*, a marca de um espírito contestador e revolucionário. Para isso, recorreu-se ao humor afiado, às ironias, à subversão e ao engajamento – elementos estratégicos observados nos editoriais, artigos, colunas, notícias, charges e quadrinhos. A revista marcou também um processo de “reconstrução” dos tipos de narrativa que caracterizam o jornalismo político e o jornalismo econômico em um período de consolidação de redemocratização. Em *Bundas* o humor, ancorado especialmente na ironia e no deboche, transforma-se no eixo central de uma abordagem que propõe a discussão de

temas sérios e caros ao país, tais como a desigualdade de renda, o desemprego e os problemas identificados na gestão de recursos públicos.

Outra singularidade está no empenho da revista rumo à consolidação democrática e construção de um país renovado por meio do debate. A revista volta-se, especialmente, para os problemas enfrentados pela população economicamente menos favorecida. Carregando as cicatrizes da censura, a publicação também se esforça para chamar o leitor à reflexão, exercendo importante papel social no processo de conscientização política, especialmente em torno da importância de projetos voltados para o combate à fome, à pobreza e à desigualdade.

A estratégia é também uma forma de lançar “luz” a pontos de vistas diferenciados daqueles apresentados pela mídia tradicional, principalmente acerca de temas de relevância social. E o faz por meio do humor, conectando-se a ideia de Ricky Goodwin de que o humor em sua instância mais criativa e afiada pode provocar reflexões junto ao riso. Para ele “ o humor põe o dedo na ferida, mas não é o instrumento que fere. É um aferidor. Afinal, a vida é uma piada. E, as vezes, rimos porque rimos porque dói (GOODWIN, 2011, p. 536)”.

REFERÊNCIAS:

BASILE, Sidnei. **Elementos de jornalismo econômico: a sociedade informada é uma sociedade melhor**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CALDAS, Suely. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

DELIGNE, Alain. De que maneira o riso pode ser considerado subservivo? In: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GOODWIN, Ricky. A monovisão dos estereótipos no desenho de humor contemporâneo. In: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MACEDO, Sérgio. Matéria. Bundas. São Paulo, agosto de 1999. Semanal.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. Cap. 3 e 4.

_____, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.143-167

PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Humor, Participação e Engajamento Político na Imprensa Alternativa**. Rio de Janeiro.2006

QUÉRÉ, Louis. **Entre facto e sentidos**: a dualidade do acontecimento. Revista Trajectos, Lisboa, n.6, p. 59-76, 2005.

Revista Bundas, coleção completa. Editora Pererê. Rio de Janeiro 1999.

SBARDELLOTO, Moisés. **Do papel aos Bits**: as alternativas do jornalismo independente contemporâneo. Porto Alegre, 2006.

SOUZA, Tarik de. **Como se faz humor político**. Depoimento a Tarik de Souza. Petrópolis: Vozes, 1984.

TAVEIRA; VICENTE. **O exercício do Jornalismo Alternativo nos Impresses Pasquim e Bundas**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste ; São Paulo. 2013.

ZIRALDO (Curitiba). Portal Educacional - Grupo Positivo (Ed.). **Entrevista Interativa**. Disponível em: <http://www.educacional.net/entrevistas/interativa/entint_0010.asp>. Acesso em: 12 nov. 2013.